



Ferro

Cláudio Feldman*

Santo André, Brasil

claudiofeldman44@gmail.com

1

Nos montes Urais, estava situada a maior fábrica de folhas de ferro do mundo. Ela pertencia aos Romanov, grandes senhores da Rússia. Era tão imensa que constituía uma verdadeira cidade, guardada com toda segurança do resto do globo. As folhas de ferro fabricadas na Rússia eram superiores em dureza e perfeição a quaisquer outras produzidas na Inglaterra, Alemanha ou Estados Unidos. Seu processo de elaboração era um segredo de Estado.

Qualquer funcionário que entrasse na forja não podia mais sair e tinha que sacrificar a liberdade e toda comunicação com sua família e amigos para ganhar alguns mesquinhos rublos por mês, os quais eram entregues pelas autoridades a quem fossem destinados. A fuga era premiada com fuzilamento, para desestimular outras tentativas.

Apesar de tudo, talvez a fábrica fosse uma das poucas maneiras para evitar a morte pela fome, que assolava muitas regiões desse império.

2

Obrinsk, *shtetl* a algumas milhas de distância da grande fundição, foi descrito por um *starosta* ao chefe da Polícia Política deste modo: “Esta aldeia jamais vai criar um ‘tzaricida’, pois, devido à subnutrição, ninguém tem forças para levantar sequer um revólver.”

Em uma velha cabana de madeira, encravada num barranco do povoado, residia Shloime Berkowitz, um sapateiro judeu, quase sempre desempregado, devido à falta de clientes.

O *ishuv* na mesma miséria mal comemorava o *shabbat*, por falta de tudo, inclusive velas.

As estrelas, aliás, não pareciam de David, pois iluminavam somente deserdados, sem qualquer semelhança com um Povo Escolhido. Sob elas, o sapateiro entrou em sua humilde habitação, quando a esposa punha na pequena mesa de pinho o magro jantar composto de pão e batatas.

* Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua e Literatura, autor de 60 livros e Secretário da Academia de Letras do Brasil, em Brasília.



— “Núu”, Shloime, conseguiu algum freguês, hoje? – perguntou a mulher.

— Não, Sheindl, infelizmente, não encontrei calçado algum para remendar. Fui, então, procurar o velho *rebe* Meyer para que me emprestasse alguns copeques. Ele me recebeu em seu gabinete, que já não tinha a mesma beleza de antigamente, e disse: “*Shalom Aleichem*”! Mas hoje meu único *tsedacá* possível é este par de pequenas romãs.”

Shloime tirou-as do bolso e falou:

— Dê para os meninos. E use estes ovos de pássaros que roubei da floresta e faça uma omelete. Só quero uma batata, depois vou dormir para aliviar este peso.

Debaixo de seu quipá, olhos exaustos de fadiga e desilusão.

3

A carência alimentar deste *shtetl* não permitia seguir os preceitos da cozinha *kasher*: dentes mastigavam perninhas de rãs, raízes do mato e – “Ó, *Gotenhu!*” – a banha suína, “treifíssima”.

4

No escuro do quarto, após ter comido devagar a batata para que durasse mais, Shloime dirigiu-se ao Criador:

— “*Baruch Hashem!*” “Ó D’us, estou farto de me iludir com o futuro. Amanhã, ao acordar, sem o canto dos galos, que já foram todos devorados, vou partir, rumo à forja. Não sou metalúrgico, mas, para que uma cidade de ferro ande, é preciso ter um sapateiro. Deixo um bilhete à minha paciente Sheindl. A separação familiar dói como um prego na sola, porém não vejo outro modo. Ao menos a prisão eterna vai trazer a meus entes queridos pão e agasalho, inclusive durante os terríveis invernos de nossa terra, já tão castigada pelo tzar.

Após essas palavras, Shloime adormeceu e sonhou com uma geena, gêmea da forja. Ao despertar, não deixou que sua perturbação acordasse a mulher e os filhos: saiu, na ponta das botas, com sua pequena bagagem.

No bolso, pão preto e cebolas; duas, quase estragadas.

5

Anos após, quando Nicolau II foi apeado do Governo e morto, com sua família, pela Revolução, Shloime foi libertado, junto a seus companheiros da cidade metalúrgica.

Era a imagem de alguém que estava vivo por descuido do *Malach-Hamoves*. O mesmo, infelizmente, não aconteceu com Sheindl: estava enterrada no limoso cemitério judaico de Obrinsk, onde os cães vagabundos às vezes tentavam conseguir ossos.



Shloime Berkowitz rezou um *Kadish* à sua alma então soube que seus dois filhos estavam trabalhando numa cooperativa da Revolução. Os jovens Avrum e Motke abraçaram o pai, emocionados, e continuaram a viver ainda com certa precariedade, mas, ao menos, com alguma esperança em seu novo *rebe* Lênin.

6

A obrigação de todo narrador é relatar o acontecido de modo completo, para que os ouvintes participem de todos os detalhes importantes. Eu, porém, não poderei atendê-los, pelo simples motivo de que o traumatizado, Shloime Berkowitz, se recusa a me contar o que houve com ele durante seus anos na forja. Teme que o regime deposto retorno e ele seja fuzilado por revelar os segredos de ferro.

Glossário

Baruch Hashem: "Bendito seja Deus!"

Copeques: centavos, divisão centesimal do Rublo

Geena: inferno

Gotenhu: diminutivo afetivo de Deus em ídiche.

Ishuv: a comunidade judaica

Kadish: prece em memória dos entes falecidos.

Kasher: ritualmente puro

Malach-Hamoves: Anjo da Morte.

Núu: expressão ídiche que significa "E, então".

Rebe: rabino

Shalom Aleichem: saudação em hebraico: A paz esteja convosco.

Shtetl: cidadezinha

Starosta: líder de comunidade

Treifíssima: neologismo. *Treif* significa impróprio para o consumo em oposição a *kasher*, logo, a adequado, apropriado.

Tsedacá: mandamento judaico que consiste em ajudar os necessitados. O objetivo da *Tsedacá* é a justiça, ou seja, restituir a dignidade dada por Deus ao ser humano.

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024